

EVENTOS

A ANÁLISE DO PODER EM MICHAEL FOUCAULT - A ARQUEOLOGIA DA LOUCURA, DA RECLUSÃO E DO SABER MÉDICO NA IDADE CLÁSSICA*

O AUTOR DO LIVRO: Antônio Pereira - Professor titular da Universidade de Ciências Humanas- FUMEC, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais e poeta, com vários livros publicados, e artigos em revistas especializadas de Psicologia e Pedagogia.

RESENHA: A obra compõe-se com Introdução, três Capítulos e Conclusão. Na Introdução destaca o que aponta como “algumas características singulares” que são abordadas através de “leitura” de textos específicos. Nesta linha, desenvolve-se toda a obra, tendo por referencial o “significado do Poder”, enquanto “forma de ação política”, salientando como Foucault fez do seu estudo uma “requintada forma de manifestação filosófica e política”.

Partindo da afirmativa do filósofo, de que a descrição e a problematização do Poder operam-se por “cortes e rupturas”, o autor registra a possibilidade de “ler Foucault através de Foucault”. Assim, procede à leitura pela análise e interpretação da “História da Loucura”, da “Arqueologia do Saber” e da “Ordem do Discurso”, dizendo ser esta a “referência fundadora de toda a reflexão” dirigida para a identificação de “qual é o sujeito” quando fala, a que ordem está submetido, e até quando, ao falar, encontra “ressonâncias e sinais”. Nesta direção, a análise do Poder, aplicada à “História da Loucura” leva a um “tríduo”, onde a Loucura e a morte são os outros termos”. Daí decorre a “indagação fundamental quanto ao procedimento para uma análise do Poder”.

* Por considerar o problema do Poder, também eminentemente jurídico, a Revista da Faculdade de Direito da UFMG decidiu incluir o trabalho presente como uma das comemorações de Michael Foucault que se registram no corrente ano. Edição FUMEC – Autêntica – Belo Horizonte – 2003.

No significado da Náu, o autor busca a significação e o sentido da “reclusão” como primeiro referencial para a descrição dos sinais indicativos para a análise do Poder. O filósofo toma, então, a Época Clássica, com o “tempo” no palco dos acontecimentos e lugar da prática dos saberes, sendo estes tomados como conteúdo e expressão de um Poder que se estende até os séculos posteriores.

A partir daí, o autor passa a confrontar Foucault com Foucault, no “trajeto de sua de sua elaboração filosófica” e as diversas modificações que se operam, pois toma a descontinuidade histórica, em lugar de aceitar os processos contínuos. Toma a História em “processos descontínuos e inéditos, regidos pelo acaso e com um tempo de duração determinado, sendo a “História constituída de processos finitos”.

O autor identifica em Foucault duas vertentes. Uma é “histórica” e consta da investigação sobre o sujeito contra o modo de pensar fundado na “consciência”; a outra é recusa das filosofias morais. Daí resulta uma “nova idéia de História”, pensada como um processo finito de acontecimentos. Assim, inicialmente na “História da Loucura” o fenômeno “loucura” é abordado de forma a evocar uma relação entre Loucura e Poder. É o que se pode ver em “A grande internação”, onde é introduzida a idéia de “exclusão” exercida pelo Poder que pela sua intensidade se afirma. Nesse ponto, traz à baila Descartes, que teria banido a loucura em nome daquele que duvida e que não pode “desatinar mais do que pode pensar ou ser”. Revela-se, então, a modalidade do saber médico que se pratica sob garantias do Poder.

O autor prossegue em sua análise considerando a “reclusão” e a “exclusão”. Defende Foucault contra as acusações de niilista que afirma serem mais relacionadas ao homem do que à obra, salientando os efeitos desta última pelas “primeiras postulações filosóficas que possibilitaram analisar os hospitais de tratamento da doença mental, que em decorrência foram obrigados a rever os métodos então reinantes”.

Deixando de tomar o louco como um perigoso criminoso que ameaçava e comprometia a convivência social e a existência das instituições da sociedade civil emergente, “Foucault formulou as suas primeiras enunciações sobre o Poder, buscando construir esse solo teórico, como solo arqueológico de onde extrair através de “procedimentos de leitura”, a compreensão do Poder como exercício prático do saber”. Estuda a disciplina como base “legítima da domesticação e da passividade”, daí decorrendo o seu conceito. Sempre praticado como um “poder normativo”, verifica-se que a prática médica, designando o que é a Loucura, “abre as fronteiras para o governo do louco e da loucura”. Acerca deste Poder sobre o sujeito louco, a pontuação arqueológica feita por Foucault, indica uma compreensão do Poder em sua origem”.

Não relacionando a Razão com o Poder, nas análises, situa-os em épocas diferentes do mundo clássico, penetrando todos os “diversos mundos ou sistemas de pensamento e diferentes formas de representação”. Assim, o Poder abandonava a Loucura enquanto “desrazão”, coisa ruim, para o que toma como demonstração os quadros de Bosch e os ditos de Erasmo, no “Elogio da Loucura”. O Poder multiplicaria os seus efeitos a partir da “exclusão” nas instituições da sociedade civil criando uma nova relação contratual entre Poder e Sujeito, e estudada a partir do sentido da Náú, estende-se a outros temas.

O autor justifica a sua obra a partir da investigação de Foucault sobre os “excluídos” tomados como a garantia e a confirmação do uso e dos “malefícios do poder absoluto, cruel, medonho, fatal”. A partir deste fundamento, passa ao estudo da “Exclusão e Poder”, com observações sobre “Exclusão e Reclusão”, “Exclusão e Loucura”, “Loucura e Poder”. Afirma que a pergunta sobre o “que é a Loucura?” pode ser atendida a partir da “exclusão” e da “reclusão”, pois o recluso estava subordinado a determinações do Poder Central, tal como representado na “*Stultifera navis*”

da “Nau dos Loucos”. Do mesmo modo busca o tema Arqueologia do saber, afirmando que ao problematizar a História em suas formas habituais de investigá-la e inseri-la na compreensão dos sujeitos, Foucault afirma que “esta mutação epistemológica da História ainda não esta acabada”. Não data de ontem, porém se pode remontar a Marx, o seu primeiro momento.

Afirma, o autor, que não se trata de distinguir duas significações na chamada concepção clássica e tradicional da História, mas de explicá-la com teoria diferente da História prática e concreta da vida dos homens. Pela primeira, “nunca se sabe o valor ou a veracidade do que é narrado”. Na sua reflexão, “interessa frizar que a singularidade vislumbrada por Foucault no movimento da Nau ganhou força acima de tudo com o caráter simbólico que acaba por revestir a sua representação. Pode ser lida de várias formas, e isso a faz repleta de significação, de entradas para interpretações e de possibilidades de afirmação”.

Referindo-se a “Loucura e Poder”, o autor examina a “Ordem do Discurso”, indagando sobre o que as palavras dizem. Na representação sobre a reconstrução do mundo clássico, constrói-se na imaginação do leitor como que um amplo painel, no qual são descortinadas as várias sistematizações filosóficas, destacando-se a prática médica como foco central da crítica.

Considera, igualmente, o poder monárquico e o religioso. Os seus respectivos saberes não produzem as suas próprias críticas, mas o uso de palavras os distingue e diferencia, embora conservem a incomoda inquietação característica do texto sobre a Nau. O autor vê uma ligeira oposição entre os textos de Foucault com a investigação registrada na Nau, e a expressão de tonalidade finita da “Ordem do Discurso”, apesar de permanecer a investigação sobre o poder ou a crítica aos poderes, sendo o “ponto central, a explicação e a compreensão da exclusão. E afirma que “a origem da pesquisa sobre o poder se localiza na compreensão de que a exclusão e reclusão requerem um terceiro termo para tornar o poder visível e

perceptível. Foucault elege a Loucura, munindo-se do saber médico, associando os rituais de espiritualidade e estigmatizando o sujeito louco em nome da razão médica. Revelam-se no pensamento de Foucault indicações do discurso do louco como discurso de transformação política, o qual foi atacado e calcado pelo Poder, mas não deixou de existir, e, em algumas situações, se manifestou. Assim, na *Náu*, analisa o Poder pelos métodos genealógico e arqueológico, determinando o lugar de fundação dos seus princípios no mundo ocidental. Interroga sobre o “*ethos*” do louco e a dimensão do seu olhar quanto ao seu lugar no mundo encontrando “figuras vagas e vazias, amargas e desmedidas”. Na Renascença, é percebida através da ruína do simbolismo gótico, que aos poucos tornam-se silenciosas. No mundo do Absolutismo e dos Reinados, o ritual do Poder médico e o seu exercício confundem-se com o Poder, gerando modelos de Poder e “o médico aparecia num cenário como senhor do louco”. “A loucura queixosa do mundo reclama e sucumbe frente ao poder brutal”, pois o saber na e a clássica operava mais por intuição do que por prática científica. Foi desses escombros e dessa catarse que o mundo clássico produziu o seu louco, como servo fatalmente condenado ao isolamento”.

Assim, na opinião do autor, a leitura da História, levada a efeito por Foucault, renova a historiografia filosófica, amparando-se na Literatura e na prática política, para construir a “Teoria Genealógica do Poder”. Problematisa o “tempo” e a “história do tempo”, a “razão” e seu itinerário, indo à genealogia dos conhecimentos. Antes, a loucura era “assunto” dos poetas, na época clássica “assunto de medicina”, e no sistema de significações que oferece, é apresentada como “substituta da morte”. Daí, as metáforas da *Náu*.

Na opinião do autor, o leitor é levado a fazer uma leitura que tenha especialmente um traço político, e esta característica está presente em toda a sua obra. Do ponto de vista arqueológico argumenta que a análise da *Náu* funda uma prática de pensar o Poder dentro de uma reflexão de natureza.

Por sua vez, leva o leitor a compreender a Náu como acontecimento político que permanece e que circula na história da humanidade. Enquanto acontecimento político, a Loucura, como objeto do conhecimento, transforma-se em uma das marcas características do mundo moderno. Assim, “destrona” a “razão”, revelando os sólidos fundamentos da interpretação no Século XX, com a indicação do surgimento de uma modalidade de Poder a partir do mundo clássico. Situado o Poder na medicina, a sua leitura é feita na ótica do poder dominante, daí decorrendo a sua crítica à soberania e à razão, seu poder dominante na época.

Afirma, o autor, que tomada a Loucura enquanto conceito, é considerada como “desrazão”. Pelo fato de o Poder ser guiado pela razão, então Foucault “indica o poder presente na desrazão”. Seria o Poder da Loucura, com características diferentes daquele, pois não humilha, nem massacra, mas ao contrário produz formas de vida submetidas e submersas, na sua condição de gênese, e origem no quotidiano; Assim, haveria uma presença do Poder em todos os espaços e figurações. Não esteve colado às instituições, mas manifestado através dos poderes e gestos.

Na era do Capital, todo Poder é tomado como Poder Econômico-Financeiro. Foucault se interessa por um outro tipo de Poder. Aquele que não se manifesta diretamente, mas sob estratégias, como o Poder que se esconde e que vai despontar como o mais interessante da crítica.

Depois de várias considerações, o autor pergunta se na prática ética da época clássica o Poder sobreviveria, se não existisse a Loucura. Foucault afirma que escapa à compreensão de mitos. Existem “aparatos de Poder” em todos os lugares. A sociedade estruturava-se como uma pirâmide que subjugava o Poder, o aparato racional e a força da razão, que produziriam o “real”, produzindo também a loucura, “fazendo-a participar dos mercados emergentes.

O autor desenvolve a reflexão sobre o “Poder e a Disciplina”, anexando especialmente a grande internação”. Destaca disciplina no contexto da Filosofia Política, pelo destino do sujeito louco, que surgiu de uma contingência e de uma falta de respostas para questões de natureza política e econômica que a época clássica conheceu.

O autor passa, então, a tratar de “Sujeito e Política”, estabelecendo um “significado para as descrições de Poder feitas por Foucault”. Este, foi buscá-la especialmente no “mundo correccional”. Nos conhecimentos da “sociedade civil”, toma o “contrato social” a partir da idéia de ordem e de hierarquia, através da disciplina, partindo do modelo de vida do interno no Hospital Geral.

Após a publicação da “História da Loucura”, Foucault modificou a sua idéia de “sujeito”, considerando as “constrangedoras e violentas humilhações” impostas aos loucos e aos presos. Oferece-nos a análise e disciplina, especialmente pelo livro “Vigiar e Punir”, quando um “aparelho onde as técnicas que permitem ver, induzem os efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornam claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam, contribuindo esses “observatórios” de “multiplicidade humana para os quais a história das ciências guardou tão poucos elogios”.

Foucault elabora “uma teoria do olhar médico, em “O nascimento da Clínica”; onde “é pelo olhar que o sentido é percebido e é através dele que se vai articular a prática médica”. Assim, a relação entre olhar e Poder é de tal ordem e tão soberana, que o Poder se pratica naquele contexto, “exclusivamente pela visibilidade, pelo projeto de luz que altera e modifica a visão”.

Analisando a época clássica, pelo prisma da aristocracia reinante, afirma que o povo não passou de farsa, miséria e sofrimento, e o mundo clássico é o mundo da produção teórica concentrado na linha de investigação

em torno da dominação e da escravidão. Foucault passa a considerar a escravidão, que “existia desde a antiguidade e nasceu diferenciada no mundo moderno, quando se inventou o internamento e leis para dar-lhe suporte legal”. Todo “sinal corretivo” tem um sentido exclusivamente voltado para a “Disciplina”, solo da “Moral” daqueles tempos, mas sem a eliminação da escravidão.

Afirma o autor que “o que fica subjacente à reflexão sobre o tema é a idéia de que não há uma representação nem do Poder, nem do Sujeito e nem da Política. É a partir de um “olhar”, de um “lugar” e de um “tempo”, que se pensa, e a partir desse “pensar” se formula uma conceituação. E continua, o autor, “que é muito significativa a atenção cuidadosa de que o tema se reveste quando vai se estabelecer uma definição do Poder. O filosofo fala dele em toda a sua obra, mas o que se descobre ao percorrer este trajeto é uma indicação na forma de uma suspeita. O Poder só existe enquanto relação de força. É no seio desta compreensão que repousa a substância da formulação de uma representação do Poder.

Destaca que “nas confrontações dos textos foucaulianos de diferentes períodos, pode-se verificar uma idéia originária da relação entre Disciplina e Poder. “Através da investigação do sentido da Disciplina, estava implícita a pergunta : porque a Disciplina?”. A partir daí, Foucault articulou o projeto de estudar os sujeitos reclusos, ao mesmo tempo que estudava a Moral dominante e o problema da obrigatoriedade de ser virtuoso em um mundo que não oferecia o mínimo, do ponto de vista material, para a sobrevivência dos sujeitos.

Desenvolve-se a figura do “sujeito ético”, e da multiplicidade dos discursos, a nova ordem através das práticas estabelece “códigos” de comportamento, espelhando extratos de Poder, passando por uma rede de pequenos Poderes até a Compreensão do Poder “como forma de manter na dominação, pelo recurso à palavra ou pelo recurso à força”.

O sentido da “norma” é então desenvolvido, com aceitação que sustentava e que mantinha a base de Moral da Sociedade, vinda da idéia de representação. Por isto, negá-la não encontrava legitimidade, e as transgressões eram punidas pela lei.

A obra termina pelo inventário dos textos utilizados e das abordagens em torno do tema do Poder, enquanto objeto da investigação e do conhecimento. Julga possível “construir a postulação de uma ética em Foucault, pelo trabalho de ler e de investigar o seu pensamento, apontando a constituição de uma Ética emergente das análises e das interpretações do Poder e do solo moral de onde se manifesta, como forma e como objeto de estudo”. (W.P.A.S)